

Seleção para o curso de TCFC 1 – FFLCH – USP (2010).

Livro I, § 2, 71b8-72a5, pp. 253-4.

II

10 Julgamos dispor de conhecimento *simples e sem qualificação* de tudo (em contraste com o conhecimento acidental dos sofistas) quando acreditamos que sabemos [1] que a causa da qual o fato é originado é a causa do fato e [2] e que o fato não pode ser de outra maneira. Está claro que o conhecimento é algo deste tipo, pois tanto os que não conhecem quanto os que conhecem concordam a respeito, mas enquanto os primeiros meramente pensam que se encontram na condição acima indicada, 15 os segundos realmente se encontram nela. Conseqüentemente, se qualquer fato for o objeto do conhecimento simples e sem qualificação, o fato não poderá deixar de ser o que é.

Se há ou não um outro método de conhecer é um assunto que será discutido mais tarde.³⁰⁰ Mas o nosso interesse agora é que efetivamente obtemos conhecimento pela demonstração. Por demonstração entendo o silogismo científico,³⁰¹ e por [silogismo] *científico*³⁰²aquele em virtude do qual compreendemos alguma coisa pelo mero fato de apreendê-la.

20 Ora, se o conhecimento é o que estamos supondo que seja, o conhecimento demonstrativo tem que proceder de premissas que sejam verdadeiras, primárias, imediatas, melhor conhecidas

e anteriores à conclusão e que sejam causa desta. Somente sob estas condições os primeiros princípios podem ser corretamente aplicados ao fato a ser demonstrado. O silogismo enquanto tal será possível sem tais condições, mas não a demonstração, pois o resultado não será conhecimento.³⁰³

25 As premissas, portanto, têm que ser proposições verdadeiras, pois é impossível conhecer o que é contrário ao fato, por exemplo, que a diagonal de um quadrado é comensurável em relação aos lados [do quadrado]; têm que ser originárias e indemonstráveis, pois de outra maneira necessitariam de demonstração para que as conhecêssemos, pois conhecer (de uma outra forma que não a acidental) aquilo que é suscetível de demonstração implica 30 em ter dele a demonstração; têm que ser causais, melhor conhecidas e anteriores – *causais* porque só dispomos de conhecimento de uma coisa quando conhecemos sua causa, *anteriores* na medida em que são causais e já conhecidas, não meramente no sentido de que seu significado é entendido, mas também no sentido de que são conhecidas factualmente.

300. Livro I, Capítulo III e Livro II, Capítulo XIX.

301. συλλογισμον επιστημονικον (*sülogismon epistemonikon*).

302. Ou, mais exatamente, *silogismo capaz de produzir conhecimento científico*.

72a1 Há dois sentidos nos quais as coisas são anteriores e mais cog-
noscíveis. Aquilo que é anterior na natureza não é idêntico àquilo
que é anterior em relação a nós, e aquilo que é [naturalmente]
mais cognoscível não é idêntico àquilo que é mais cognoscível por
nós. Por *anterior e mais cognoscível em relação a nós* quero dizer
aquilo que está mais próximo de nossa percepção; por *anterior e*
5 *mais cognoscível no sentido absoluto* quero dizer aquilo que está
mais distante da percepção. Os conceitos mais universais são os
mais distantes de nossa percepção, enquanto os particulares são
os mais próximos dela e se opõem entre si.

Livro I, § 13, 78a22-78b31, pp. 276-8.

XIII

25 O conhecimento de um fato e conhecimento da razão deste
fato diferem quando ambos se enquadram na mesma ciência,
isto sob várias condições, quais sejam: [1] se a conclusão não é
tirada de premissas imediatas (pois neste caso a causa anterior
não se acha contida nelas e o conhecimento da razão depende
da causa anterior); [2] se as premissas são imediatas, mas a
conclusão é tirada não da causa, mas do mais conhecido entre

30 os dois termos convertíveis, pois pode acontecer de, entre dois
termos reciprocamente predicáveis, aquele que não é a causa
ser, por vezes, o mais conhecido, de sorte que a demonstração
se procederá através dele; por exemplo, a demonstração de que
os planetas estão próximos porque não cintilam. Que C corres-
ponda a *planetas*, B a *não cintilar* e A a *estar próximos*. Então
será exato predicar B de C porque os planetas não cintilam. Mas
também é exato predicar A de B porque aquilo que não cintila
35 está próximo (o que pode ter sido suposto indutivamente ou por
percepção sensorial). Então A tem que se aplicar a C, e assim
ficou demonstrado que os planetas estão próximos. Assim, este
silogismo demonstra não a razão, mas o fato, *pois não é porque*
os planetas não cintilam que estão próximos, mas porque estão
próximos que não cintilam. (É possível, entretanto, demonstrar o
[termo] médio por meio do termo maior e, então, a demonstra-
ção estabelecerá a razão; por exemplo, que C corresponda a
78b1 *planetas*, B a *estar próximos* e A a *não cintilar*. Então, B se apli-
ca a C e A a B, e assim A se aplica também a C, com o que o
silogismo estabelece a razão porque a causa anterior foi supos-
ta.) Ou, também, demonstrar-se ser a lua esférica com base em
5 suas fases, pois se aquilo que exhibe fases desse tipo é esférico, e
a lua exhibe fases, fica evidente que a lua é esférica. Desta forma
o silogismo demonstra o fato, mas quando o termo médio é
intercambiado com o maior, nos capacitamos a estabelecer a
10 razão, pois não é devido às suas fases que a lua é esférica, mas
porque é esférica que exhibe fases desse tipo. C corresponde a
lua, B a *esférica* e A a *fase*.

[3] Onde os termos médios não são convertíveis e o que não é a causa é melhor conhecido do que a causa, o fato é demonstrável, mas a razão não. [4] Isso também se revela verdadeiro no que toca a silogismos cujo termo médio se exterioriza; nestes, também, a demonstração estabelece o fato e não a razão, uma vez que a causa não é enunciada. Por exemplo, por que a parede não respira? Porque não é um animal. Se esta fosse a razão para não respirar, ser um animal deveria ser a razão para respirar, conforme o princípio de que se uma proposição negativa fornece a razão para a não aplicação de um predicado, a proposição afirmativa correspondente fornecerá a razão para sua aplicação; por exemplo, se o desequilíbrio entre os elementos quente e frio em nós é a causa de não termos saúde, o seu devido equilíbrio é a causa de nossa saúde. Analogamente, também, se

a proposição afirmativa supre a razão para a aplicação de um predicado, a proposição negativa suprirá a razão para a sua não aplicação. Mas, no exemplo indicado, a conclusão não se segue, pois nem todo animal respira.³⁴⁴ Um silogismo que demonstra este tipo de causa ocorre na figura mediana. Por exemplo, que A corresponda a *animal*, B a *respiração* e C a *parede*. Então, A se aplica a todo B (pois tudo que respira é animal), mas não se aplica a nenhum C, e assim, tampouco, B se aplica a qualquer C. Portanto, a parede não respira. Causas como estas se assemelham a explicações extravagantes. Quero dizer, enunciar o termo médio de uma forma demasiado remota; por exemplo, o dito de Anacarsis de que não há moças flautistas³⁴⁵ entre os cílios porque não há vinhas.

Livro I, § 34, 89b10-89b20 p. 312.

XXXIV

10 A perspicácia é um tipo de talento para atinar com o termo médio sem um único momento de hesitação. Alguém percebe que a lua sempre tem sua face luminosa voltada para o sol e imediatamente compreende a razão, qual seja, porque a lua retira sua luminosidade do sol, ou vê uma pessoa conversando com um homem rico e conclui que é porque está pedindo dinheiro emprestado, ou entende porque [certas] pessoas são

15 amigas, a saber, porque têm um inimigo comum. Em todos estes casos, a percepção dos termos extremos o habilita a reconhecer a causa ou termo médio. Suponhamos que A corresponde a *face luminosa voltada para o sol*, B a *retirar luminosidade do sol* e C *lua*. Então B, *retirando luminosidade do sol* se aplica a C, *lua*, e A, *ter a face luminosa voltada para a fonte de sua luminosidade*

20 se aplica a B. Conseqüentemente, A se aplica a C através de B.

344. Em consonância com a zoologia aristotélica, segundo a qual somente os animais de sangue quente possuem sistema respiratório.

345. *αυλητριδες* (*auletrides*). Bekker e outros helenistas (particularmente mais antigos) registram *αυληται* (*auletai*) (flautistas). W. D. Ross registra o primeiro termo, que preferimos aqui, pois talvez tornasse a hipérbole de Anacarsis (sábio cílio do século VI a.C.) ainda mais contundente.

5 Assim, a percepção sensorial dá origem à *memória*, segundo a denominação que damos, e memórias sucessivas da mesma coisa dão origem à experiência, uma vez que as memórias, ainda que numericamente múltiplas, constituem uma experiência singular. *E a experiência, que é o universal quando estabelecida como um todo na alma*⁴⁶² – o singular que corresponde ao múltiplo, a unidade que está identicamente presente em todos os sujeitos particulares – outorga o princípio da arte e da ciência: arte no domínio da criação e ciência no domínio do ser. Assim, 10 tais faculdades não são nem inatas de forma definida e completamente desenvolvida em nós, nem derivadas de outras faculdades desenvolvidas num plano superior de conhecimento; elas provêm da percepção sensorial, como quando ocorre uma retirada durante uma batalha, se um homem se detém e o mesmo o faz um outro e, em seguida, um outro, até que a posição original

15 seja recuperada. A alma é constituída de tal modo que está apta ao mesmo tipo de processo. Reafirmemos o que acabamos de exprimir⁴⁶³ com insuficiente precisão. Logo que um indivíduo, entre muitos especificamente não diferenciados, se detém na alma, trata-se do mais primordial nela, no que diz respeito à presença de um universal (porque embora seja o particular o que percebemos, o ato da percepção envolve o universal, por exemplo, *homem*, não *um homem*, Calias). Então outras *paradas* ocorrem entre esses universais [imediatos], até que os gêneros indivisíveis ou os universais são estabelecidos; por exemplo, uma espécie particular de animal conduz ao gênero *animal* e assim por diante. Está claro, então, que tem que ser por indução que adquirimos conhecimento das premissas primárias, porque 5 é este também o modo no qual os conceitos gerais nos são transmitidos pela percepção sensorial.

Bem, das faculdades intelectuais que utilizamos na busca da verdade, algumas (por exemplo, o conhecimento científico e a intuição) são sempre verdadeiras, enquanto outras (por exemplo, a opinião e o cálculo) admitem a falsidade. E nenhum outro tipo de conhecimento, exceto a intuição, é mais exato do que o conhecimento científico. Primeiros princípios são mais cognoscíveis do que as demonstrações, e todo o conhecimento científico envolve o discurso racional. Conclui-se que não pode haver conhecimento científico dos primeiros princípios; e uma vez que nada pode ser mais infalível do que o conhecimento científico, salvo a intuição, é forçosamente esta que apreende os primeiros princípios. Isso se mostra evidente não apenas com fundamento nas considerações precedentes, como também porque o princípio da demonstração não é ele próprio demonstração, e assim o princípio do conhecimento científico não é ele próprio conhecimento científico. Portanto, como não dispomos de outra facul- 10 dade infalível além do conhecimento científico, a fonte de tal conhecimento deve ser a intuição. Assim, será a fonte primária de conhecimento científico que apreende os primeiros princípios, ao passo que o conhecimento científico como um todo está analogamente relacionado à esfera total dos fatos.